

**MODELOS URBANÍSTICOS MODERNOS E PARQUES URBANOS:**  
AS RELAÇÕES ENTRE URBANISMO E PAISAGISMO EM SÃO PAULO NA  
PRIMEIRA METADE DO SÉCULO XX

**FABIANO LEMES DE OLIVEIRA**

TESE DE DOUTORADO

ORIENTADOR:

**PROF. DR. JOSEP MARIA MONTANER**

DOCTORADO EN TEORÍA E HISTORIA DE LA ARQUITECTURA  
DEPARTAMENTO DE COMPOSICIÓN ARQUITECTÓNICA  
UNIVERSITAT POLITÈCNICA DE CATALUNYA - UPC

Março  
2008

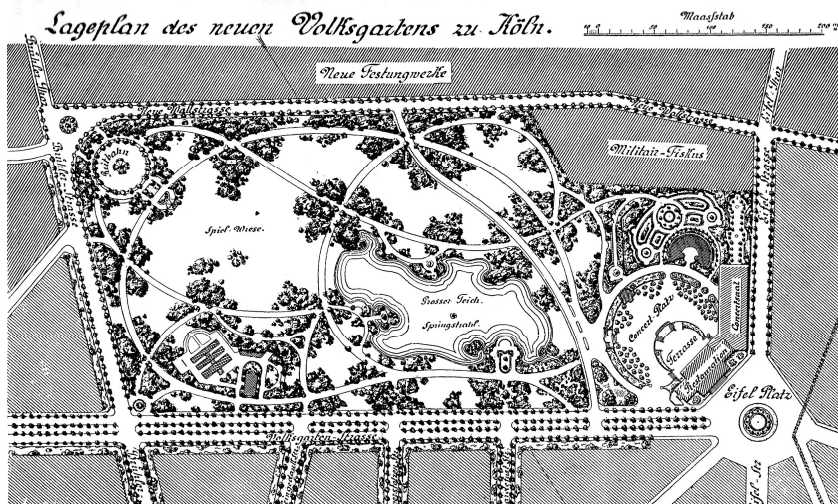
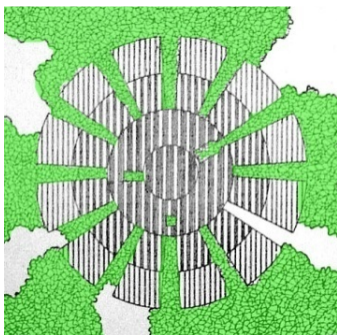


fig 33 - Volksgarten em Colônia.  
Fonte: STUBBEN. 1890, p.497.

Ao contrário de valorizar a criação de poucos e grandes parques, prefere a dispersão de áreas verdes menores no tecido da cidade, que deveriam ter área não inferior a 5 hectares. Ressaltamos, portanto, que se posicionava favorável à disseminação de áreas verdes que se verificava em Londres desde o final do século XVIII, com a criação de *squares* e parques. Hénard e logo Victor da Silva Freire compartilharão essa opinião e advogarão a favor da criação de áreas verdes espalhadas no tecido urbano das cidades, criticando ambos o exemplo de Paris, com o *Bois de Bologne* e o *Bois de Vincennes*, todos os dois enormes, periféricos e, portanto, não tão efetivos enquanto ao uso para populações distantes.

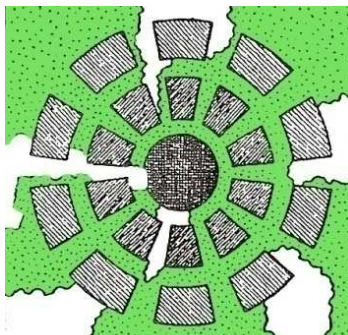
Em relação às avenidas-parque, a parte da idéia específica do Ringstrasse e sua posição determinada, Stübben argumenta como seriam importantes na conexão entre os parques urbanos entre si - com nítida influência das formulações de Olmsted – e também para ligar à área urbana ao campo, às áreas florestais próximas, através de um percurso agradável. De acordo com Panzini, aparece com Stübben a noção de continuidade entre passeio extra-urbano e parque cidadão através de faixas lineares de verde: as *park-promenaden*.<sup>45</sup>

Eberstadt desenvolverá essa idéia de conexão entre o interior das cidades e as áreas verdes periféricas através de amplas faixas verdes. (fig 34) De fato, sua principal contribuição à reflexão sobre a criação de parques na cidade moderna se refere à proposta para o concurso para a Grande Berlim, apresentado em 1910. Nesta, discorre sobre a ineficácia do sistema puramente radial, apregoando a criação de áreas verdes em cunha, que chegando ao centro da cidade e partindo de área de vegetação nativa no campo, fosse um duto verde e um canal de ar e luz. Esses amplos parques lineares acompanhariam a direção radial de ocupação das habitações e seriam os elementos de conexão entre campo e cidade. (fig 36)



**fig 34 - Modelo de áreas verdes em cunha, apresentado no plano para a *Gross-Berlin*. Rudolf Eberstadt, 1910.**

Fonte: EBERSTADT. 1920, p.233.



**fig 35 - Modelo radial-perimetral de áreas verdes. Gustav Langen, 1927.**

Fonte: FEHL. p.91.



**fig 36 - Plano de Leipzig.**

Verifica-se a mesma idéia aplicada.

Fonte: STÜBBEN. 1890.

Gustav Langen,<sup>46</sup> utilizando-se do modelo de Eberstadt, propõe alterações nesse esquema, fracionando as áreas edificadas em espaços menores e amplia ainda mais a presença do verde com a criação de faixas entre elas. (fig 35) Evidentemente, o modelo de cidade-jardim aparece nessas últimas propostas e, como é sabido, tem uma repercussão impactante nas discussões na Alemanha das primeiras décadas do século XX, bem como o teve na formação do *Town Planning* britânico. Outros tantos projetos interpretarão essa vontade de conexão do campo com a cidade através de parques públicos, como veremos melhor no Capítulo 4. Os parques, portanto, adquirem a função de conector do espaço urbano com o suburbano, entre o urbanizado e o campo e/ou a natureza próxima, ao mesmo tempo local de transição, caminho e instrumento de incorporação do ar, da luz e do contato com a natureza.

Veja-se que em geral as preocupações estéticas se farão notar em maior ou menor grau nestes escritos, sobretudo na obra de Sitte e em medida menos visível, no tratado de Baumeister. Neste sentido, as exageradas linhas retas do urbanismo barroco ou a quadrícula norte-americana ou das cidades hispano-americanas eram vistas com resguardo. Sitte, em seu livro, de 1889, *Der Städtebau nach seinen Künstlerischen Grundsätzen* (A construção das cidades segundo seus princípios artísticos), publicada no contexto já tratado e como resposta às intervenções na cidade de Viena, será um dos principais contestadores desses modelos de ocupação do território, afirmando sua falta de artisticidade, sua monotonia e repetitividade, além de que, para o autor, implantá-los em cidades antigas descaracterizaria os seus aspectos pitorescos.<sup>47</sup> Relembramos que no momento também são contemporâneos os esforços para liberar a arte das normativas acadêmicas, como das características simbólicas e idealistas defendidos por Hegel. Sitte procurará com seu livro tratar da cidade a partir de uma reflexão estética pautada na avaliação

da forma tridimensional do espaço urbano. Defenderá que as soluções funcionais não podem prescindir de dotar a cidade de beleza e arte, assim, procurará, em seus escritos, enfrentar os problemas da conformação urbana do período pela percepção visual do cidadão, fundamentalmente a partir das praças e das ruas e de sua relação com os blocos edificados. Além da nítida influência do formalismo e das teorias visualistas de finais do século XIX, verifica-se como a idéia de *Einfühlung* aparece presente na medida em que trata de relacionar o observador ao objeto artístico, em que o corpo do indivíduo se configura como o mediador dessas projeções sentimentais e da assimilação das sensações.<sup>48</sup> Sitte reconhece a cidade pré-industrial como espaço com forma definida, delimitada, e no qual identifica distintos exemplos de percursos agradáveis entre praças e ruas, que proporcionariam constantes sensações de surpresa a cada deslocamento do transeunte. Logo, o papel do espaço público, para Sitte, é o de articular a cidade, de criar vida urbana, de possibilitar as trocas, o encontro e é o lugar onde o caráter artístico de uma cidade é percebido. Centra-se nas praças, antes que nos parques, e ao tratar do verde urbano, se dedica a jardins e à arborização. Da mesma maneira que escreve sobre a importância da correta posição das estátuas e de fontes nas praças, salvaguardando o centro geométrico, e da sua adequação em implantações que não prejudiquem a circulação e que sejam favorecidas pela arquitetura que conformaria um plano de fundo, pensa sobre a arborização urbana. Na quarta edição alemã do livro, um artigo de Sitte é adicionado e se dedica exclusivamente ao verde nas grandes cidades.<sup>49</sup> Nele, destaca como fenômeno típico da situação moderna, a necessidade psicológica de contato com a natureza. Não obstante, neste livro não se detém sobre a construção de grandes parques, centrando-se por outro lado no uso de exemplares vegetais únicos implantados em locais precisos, como elementos artísticos, de modo pitoresco. Crítica, nesta seção, as vias arborizadas de matriz francesa (que a seu ver eram frequentemente simétricas e excessivamente geométricas) e as praças extremadamente abertas, por permitirem a passagem do vento e distarem dos exemplos pintorescos das praças medievais. Sustenta, entretanto, a criação de pátios dentro das quadras, com espaços para jogos e jardins, à maneira como Cerdà havia feito em seu plano de expansão de Barcelona. Defende, em resumo, as praças das catedrais, mercados ou civis, com determinadas proporções entre a altura dos edifícios e as medidas das praças (classificadas como de largura ou a altura); a praça como espaço fechado e com o centro livre; a relação entre elas e sua irregularidade formal; a árvore como elemento isolado e pátios internos às quadras, com jardins e espaços para jogos.

Aqui nos dedicamos a pontuar a visão desses profissionais na construção do urbanismo e na elaboração de um discurso sobre as áreas verdes na cidade em função da repercussão que tiveram no cenário paulistano do período. É imprescindível lembrar que a institucionalização

do ensino de engenharia em São Paulo se dá apenas 10 anos antes (em 1894) da inauguração da referida revista alemã e que a formação dos engenheiros da Escola Politécnica de São Paulo seguia o modelo germânico, e não o parisiense, dado que seu organizador e primeiro diretor, Antonio Francisco de Paula, havia estudado em Karlsruhe, formando-se em 1868<sup>50</sup> na mesma universidade onde Baumeister foi professor por muitos anos. Freire leciona na Escola Politécnica de São Paulo de 1897 a 1937, inserindo-se ativamente neste ambiente de forte influência alemã e participando, portanto, da divulgação dessas práticas urbanísticas dos primeiros momentos da consolidação da disciplina no cenário internacional.

A criação de instituições e fóruns de divulgação e trocas de experiências no campo do urbanismo se verificam substancialmente no período. Sendo fundamentais neste labor e de especial importância para o estudo do urbanismo em São Paulo, destacamos: a *Städtebau Ausstellung* de Berlim (Exposição Internacional de Urbanismo de Berlim), de 1910; a *Town Planning Conference*, realizada em Londres, no mesmo ano, além da formação em Paris da *Société Française des Architectes Urbanistes*, em 1911. São representativas da cultura urbanística que se destilava a partir das experiências do *Städtebau*, por um lado; do nascimento do *Town Planning* como *corpus* teórico, e dos estudos franceses a partir das revisões do haussmannianismo.

Em relação à segunda, representou um marco na construção e difusão da disciplina e foi organizada um ano depois da promulgação do *Town Planning Act* de 1909, pelo *Royal Institute of British Architects* (RIBA). Contou com a participação de delegações de vários países, em que se menciona a presença de Victor da Silva Freire,<sup>51</sup> e cujas principais contribuições foram as do *Städtebau* alemão e do reformismo anglo-saxão.<sup>52</sup>

Na Grã-Bretanha do século XIX, os estudos sobre as cidades não alcançaram a abrangência das propostas germânicas, o que faz com que vários autores mencionem a forte impressão que essa experiência continental lhes havia causado. Sutcliffe comenta como a tradição britânica em relação às políticas habitacionais e de *Public Health* geraram instrumentos que prepararam uma etapa em que os planos de conjunto para novas cidades ou planos de expansão pudessem aparecer.<sup>53</sup> Daí, tanto as teorias miasmáticas dos anos de 1840 a 1870, como a crença de que o bem-estar humano era determinado fortemente pelo meio, difundida na década de 60 e logo retomada na última década daquele século,<sup>54</sup> atuaram positivamente no sentido de dotar as cidades de áreas verdes. Deste modo, à tradição de produção de residências unifamiliares se reforçou o grande interesse pela criação de jardins residenciais privados que possibilitariam a

circulação do ar e a presença do sol, combatendo os focos miasmáticos e permitindo o contato direto dos moradores com o verde. Em maior escala, essas duas concepções se difundem em urbanizações suburbanas a partir de criações de bairros operários como Port Sunlight, em 1888, e Bournville a partir do final dos anos 80, onde as residências se espalham em amplas áreas verdes que cumpririam tanto sua função sanitária como psicológica. A idéia de suburbanização, desta forma, é acelerada com a implantação dos sistemas de bondes e das linhas férreas, e avalada pela vontade de criação de estabelecimentos humanos de tamanhos restritos e em meio à natureza. O aporte de Howard com a teoria das cidades-jardins (fig 38), a criação de inúmeras associações em favor dessa teoria e o desenvolvimento de Unwin dessa matriz conceitual reforçaram a valorização da importância do verde urbano e já apontam para um momento de maiores assertivas em direção ao planejamento a larga escala, como se fez em Letchworth, em 1903, e em Hampstead Garden Suburb, logo após o Ato de 1906.<sup>55</sup>

É interessante notar como na *Town Planning Conference* de Londres, interessou aos organizadores mostrar exatamente essa produção e se organizaram visitas com todos os participantes a Letchworth, Bath, Hampstead Garden Suburb, Port Sunlight, Bournville, Bedford Park e a área do Regents' Park. Divulga-se, portanto, a idéia de planificação de subúrbios imersos em áreas verdes, além da criação de novas cidades, como Letchworth; ou como a proposta das novas *Ten Cities of Health* (fig 39), apresentadas por Arthur Crow, de cidades satélites ao redor de Londres como solução para a expansão do crescimento da cidade. (fig 41) Dessa forma, vale deixar claro que ao contrário do que diversos autores defendem, a introdução das referências do urbanismo britânico e em especial do modelo cidade-jardim em São Paulo não se dá apenas com a presença de Barry Parker na capital paulista de 1917 a 1919, contratado pela Companhia City para a realização de bairros jardins no setor sudoeste da cidade, mas sim em um período notadamente anterior, datando de menções textuais de profissionais atuantes em São Paulo desde o fim do século XIX e com especial afinco nos primeiros anos da década de 10, com Victor da Silva Freire. Cabe ainda afirmar que as idéias de cidades satélites, difundidas logo por Osborn (uma das principais referências citadas) e presentes como conceito em criações de cidades novas no Brasil do pós-guerra, já se colocava nos debates desde a TPC de Londres e, portanto, já era conhecida no meio urbanístico brasileiro, ainda que todavia faltem estudos para verificar sua influência específica.



fig 37 - Proposta de Loudon para Londres, 1829.  
 Fonte: TEYSSOT.1991, p.375.

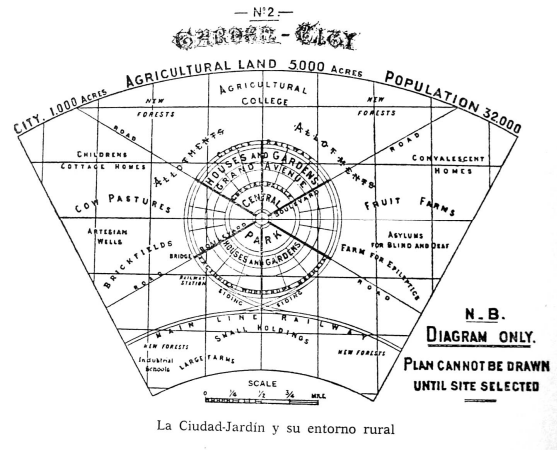


fig 38 - Diagrama da Garden-City. Howard, 1898.  
 Fonte: HOWARD. 1902, p.12a.

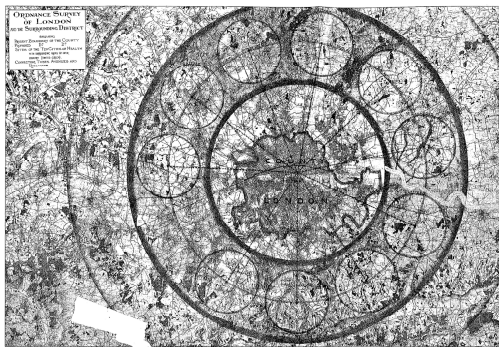


fig 39 - Diagrama de Arthur Crow para as Ten Cities of Health, Londres, 1910.  
 Fonte: RIBA. 1910, p.411.

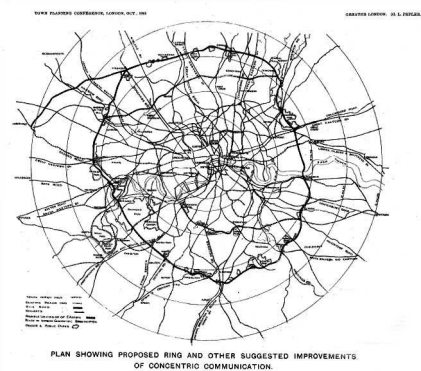


fig 40 - Diagrama de Pepler para a organização do sistema de circulação da grande Londres. 1910.  
 Fonte: RIBA.1910, p.614a.

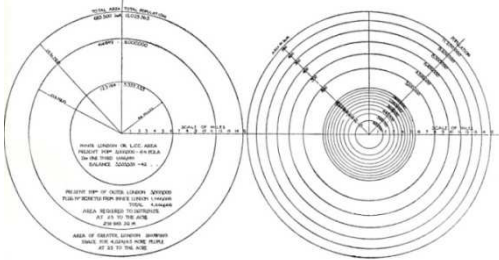


fig 41 - Diagramas de Unwin para o crescimento radial de Londres, 1912.  
 Fonte: UNWIN. 1911, p.XV.

Na Inglaterra, nas áreas mais centrais, tomaram corpo desde um período anterior, como já visto, a aberturas dos jardins fechados, a criação de parques públicos e de *squares*.<sup>56</sup> (fig 42) Todo esse conjunto de intervenções fez com que já no começo do século XX se ressaltasse a grande quantidade de áreas verdes de Londres e suas imediações, em comparação com as outras

grandes capitais européias. A apreciação de Hénard sobre esse fato é exemplificada a partir de mapas comparativos entre Paris e Londres e foi usada tanto por Victor da Silva Freire como por Prestes Maia ao tratar da criação de áreas verdes. (fig 46- 47)



fig 42 – Articulação entre ruas, Squares e Regent's Park em Londres.

Fonte: UNWIN. 1911.

também presente no *Town Planning*, se fará da mesma forma visível nas afirmações de Freire em São Paulo. Este, como mencionado, tratará de situar-se teoricamente próximo às duas correntes; como também a assertivas de Hénard, presentes em seu livro *Études sur les transformations de Paris*.<sup>58</sup>

A SFAU também seria fortemente influenciada por Hénard. Fundada sob sua presidência e a de Charles Risler, a entidade em 1919 passaria a se chamar *Société Française des Urbanistes*, e contou, na sua criação, com personagens como Alfred Agache, Henry Prost, Ernest Hebard, Marcel Poëte, Jean-Claude Forestier e E. Redont, dentre outros nomes. Lembramos ainda que isso se deu apenas um ano depois da realização do “Plano de expansão e transformação de Paris após a supressão das fortificações”, de 1909-10, de Agache e Prost, sob supervisão de Hénard. Além de sua influência, essa sociedade também havia sido profundamente marcada pelas idéias de Unwin e Sitte, como cometa Bruant.<sup>59</sup> As trocas entre os profissionais da Europa central, da Inglaterra e da França eram constantes, sendo de destacar o interesse despertado pelas experiências germânicas, que fazem com que Stübgen seja contratado para dar uma conferência sobre as cidades na Alemanha e na França, e opinar sobre a expansão de Paris.

Comum para essas correntes é a interpretação dos fenômenos de transformação da cidade histórica no século XIX como originárias da necessidade de se pensar sobre o crescimento urbano, de lutar contra os problemas do adensamento populacional e de dotar as cidades de



áreas livres. O verde se propõe, portanto, especialmente nessas duas últimas correntes, tanto no cenário privado como se difunde no tecido citadino através de vias arborizadas, jardins públicos, praças e parques que passam a permear as propostas urbanísticas. Como comentamos, notam-se preocupações que também se atêm ao tecido urbano consolidado, contudo a possibilidade de que a presença do verde e de que as construções se implantem em áreas mais espaçadas reforça o subúrbio e as cidades novas, como possibilidades privilegiadas de experimentação e onde mais se percebem esses esforços.

Sublinhamos que os estudos destes profissionais estão nas bases do pensamento urbanístico moderno e, portanto, da inserção das áreas verdes, especialmente de parques, nos projetos em escala urbana. Tal equivale a dizer que estabeleceram os princípios primeiros a partir dos quais vários personagens - como na *Werkbund* Alemã, nas atuações de Ernst May e Bruno Taut, em Frankfurt, e nas cidades modelos propostas por personagens como Le Corbusier, além de inúmeros outros exemplos do chamado movimento moderno – desenvolveram suas propostas e reflexões.<sup>60</sup>

Freire parte da interpretação das reflexões do *Städtebau*, do *Town Planning* e dos estudos de Hénard sobre Paris ao propor seu Plano de Melhoramentos e ao pensar o crescimento das cidades adota, portanto, a idéia da expansão radio-concêntrica. Presente como uma das principais questões, a infra-estrutura de circulação, em ambas correntes, é tratada a partir de distintas escalas, desde modelos genéricos, como o apresentado por Stübben, até a especificação dos traçados locais e a importância da adaptação às situações geográficas e históricas específicas, como o desenvolvido por Sitte, Fischer e por Unwin amplamente em *Town Planning in Practice*. Essa solução esteve presente nos debates da TPC de 1910 e era defendido por uma gama ampla de profissionais, ademais dos já mencionados, podendo-se destacar ainda a proposta de Pepler, de criação de um anel periférico dentro de um estudo de circulação concêntrica para Londres.<sup>61</sup> (fig 40)

O trabalho de Hénard, como já afirmamos, tem uma importância extremamente significativa para o estudo do urbanismo no Brasil e será um dos principais defensores do sistema radio-concêntrico. Fundamentalmente, os urbanistas locais terão em seu livro um apoio teórico dos mais valorizados para pensar o crescimento das cidades. Suas afirmações foram apropriadas de modos bastante diversos, sendo que muitas das referências à França que fizeram os profissionais brasileiros se pautaram na leitura de seu livro e não diretamente da análise do projetado por Haussmann. Os seus estudos para Paris se popularizaram enormemente e, em especial,

destacamos seu apartado sobre a circulação nas cidades modernas, o destinado a explicar o *Boulevard à Redans*, (fig 43-44) e o relativo aos grandes espaços livres de Paris e Londres. No primeiro mencionado, define um sistema de circulação a partir de estudos comparativos do sistema viário de Paris, Londres, Berlim e Moscou. (fig 45) Em síntese, deve-se notar que o fundamental de sua concepção, para as análises que aqui nos propusemos a fazer, é a sua idéia de “perímetro de radiação”, que seria uma via circular que recolheria as circulações radiais amenizando o trânsito em sentido centro-periferia. O *Boulevard à Redans*, que será adotado em parte por Prestes Maia em 1930, se tratava de uma via que acompanharia o antigo traçado da muralha e contornaria a cidade conectando 12 parques urbanos. Teria uma configuração especial, em função da disposição dentada dos edifícios em relação às áreas verdes do entorno imediato e seria a principal via do sistema articulado de circulação e áreas verdes.

A respeito das áreas livres, as define em dois grupos: vias e praças; e jardins e parques, sendo os dois últimos fundamentais, a seu ver, para as cidades:

Il faut bien se garder, en effet, de considérer les parcs et jardins comme une manifestation un peu superflue du grand luxe. Bien au contraire, les grandes surfaces plantées d’arbres et d’arbustes au milieu des agglomérations urbaines sont indispensables à l’hygiène publique, au même titre que l’eau et la lumière. Un parc, à la condition qu’il soit suffisamment grand, est une réserve d’air pur, et les arbres qui l’environnent et le protègent forment un filtre naturel très efficace pour arrêter la poussière malsaine des rues et assainir l’atmosphère ambiante. C’est le seul endroit des villes où l’on puisse respirer à l’aise, c’est le seul où la santé des enfants puisse se fortifier ou se développer. La présence des massifs de verdure, des pelouses et des fleurs provoque chez les plus agités, les plus enfiévrés de la vie moderne, une détente physique et morale qu’on ne saurait nier. C’est un élément incontestable de calme et d’apaisement.<sup>62</sup>

E, mais adiante, completa que : “*il ne s’agirait pas d’installer des jardins de luxe*”, mas sim de espaços que estivessem aptos para a recreação, para a prática de exercícios físicos e de esportes para todas as classes.<sup>63</sup>

Novamente, a partir de um procedimento metodológico comparativo, Hénard chama a atenção, e em sintonia com o já defendido por Stübgen, que mais vale uma eqüitativa distribuição de áreas verdes na cidade que sua concentração em locais determinados, usando para o primeiro caso, Londres, e para o segundo, Paris.